



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ALUSKA TAVARES ALEIXO

**EROS E THANATOS EM *O PERU DE NATAL* DE MÁRIO DE ANDRADE
E *A FESTA DE BABETTE* DE KAREN BLIXEN**

**CAMPINA GRANDE
2016**

ALUSKA TAVARES ALEIXO

**EROS E THANATOS EM *O PERU DE NATAL* DE MÁRIO DE ANDRADE
E *A FESTA DE BABETTE* DE KAREN BLIXEN**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A366e Aleixo, Aluska Tavares
Eros e Thanatos em Peru de Natal de Mario de Andrade e a
Festa de Babette de Karen Blixen [manuscrito] / Aluska Tavares
Aleixo. - 2016.
17 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Rinaldo Jose de Andrade Brandao,
Departamento de Letras e Artes".

1. Análise literária 2. Conto 3. Análise comparativa 4.
Psicanálise I. Título.

21. ed. CDD 801.95

ALUSKA TAVARES

EROS E THANATOS EM *O PERU DE NATAL* DE MÁRIO DE ANDRADE
E *A FESTA DE BABETTE* DE KAREN BLIXEN

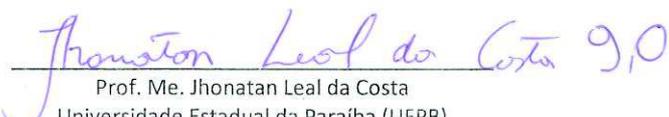
Artigo apresentado como Trabalho de
Conclusão de Curso (TCC) da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

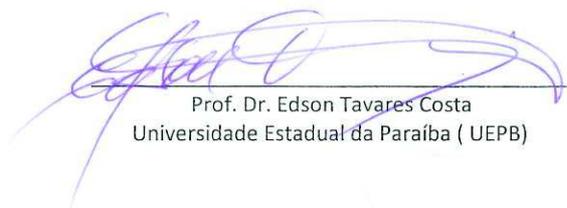
Área de concentração: Literatura
Brasileira.

Aprovada em: 31 / 10 / 2016.

BANCA EXAMINADORA

 9,0
Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 9,0
Prof. Me. Jhonatan Leal da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 - 9,0
Prof. Dr. Edson Tavares Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

EROS E THANATOS EM *O PERU DE NATAL* DE MÁRIO DE ANDRADE E *A FESTA DE BABETTE* DE KAREN BLIXEN

Aluska Tavares

Resumo:

O presente artigo propõe uma análise comparativa dos contos *O Peru de Natal*, de Mário de Andrade, e *A Festa de Babette*, de Karen Blixen, a partir de duas categorias psicanalíticas, propostas por Freud (2006) em *Além do Princípio de Prazer* e outros trabalhos, as pulsões de vida e de morte. No conto de Mário de Andrade, a presença incômoda do pai morto faz com que Juca, filho mais novo, instigue a mãe a preparar uma ceia natalina, em que o peru, pranto principal, poderá ser degustado unicamente pelos de casa. Em *A Festa de Babette*, o velho deão, pai de Martine e Philippa, embora falecido há anos, ainda exerce uma grande influência na pequena comunidade cristã que fundou e, particularmente, no cotidiano das irmãs. A cozinheira, refugiada de guerra e acolhida pelas irmãs, prepara em agradecimento um rico banquete em comemoração ao centenário do deão. O prazer pela comida facultada, em ambos os casos, o exorcismo do morto e raros instantes de epifania. Para a análise foram utilizados ainda, como apoio teórico, Marcuse (1986) e Foucault (1983), dentre outros.

Palavras-chave: contos; análise comparativa; psicanálise.

INTRODUÇÃO

O confronto entre a pulsão da vida (Eros) e a morte (Thanatos) fundamenta o funcionamento psíquico de todo ser humano. Toda essa relação define o que Freud chama de “princípio de prazer” e “princípio de morte”. Em *Peru de Natal* de Mário de Andrade e *A Festa de Babette* de Karen Blixen esta relação entre pulsão de prazer e de morte aparece nos contos através do cotidiano familiar de Juca, personagem de *Peru de Natal* e de Martine e Philippa, personagens de *A Festa de Babette*. Em ambos se desenvolve uma espécie de exaltação e onipresença do pai morto.

Karen Christence, baronesa de Blixen-Finecke, mais conhecida pelo pseudônimo de Isak Dinesen, nasceu no ano de 1885, e faleceu em 1962. Escritora dinamarquesa que ficou conhecida pelos seus contos e pelo romance *Out of Africa* (A Fazenda Africana), um relato autobiográfico de sua vida numa plantação de café no Quênia. Escreveu também *Anedotas do destino* (Brasil)/*Ironias do destino* (Portugal), de 1958, onde se insere o conto *A festa de Babette*, também transformado em filme em 1987.

O brasileiro Mário de Andrade (1893-1945) publicou seu primeiro livro de poemas, *Pauliceia Desvairada*, em 1922, marco da primeira fase do Movimento Modernista no Brasil. Estudou música no Conservatório de São Paulo. Foi crítico de arte e literatura em jornais e revistas. Teve papel importante na implantação do Modernismo no Brasil. Foi amigo inseparável de Anita Malfatti e Oswald de Andrade. Foi diretor do departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Foi funcionário do Serviço do Patrimônio Histórico do Ministério da Educação. Seu romance "Macunaíma" foi sua criação máxima, levada para o cinema.

Vida e Morte, Eros e Thanatos.

Eros, na mitologia Grega, representa o amor, o prazer e o desejo. Na teoria psicanalítica, consubstancia-se na pulsão libidinal que motiva o indivíduo à vida. A pulsão de vida materializa-se, no dia a dia, através da busca constante pelo prazer, e de como nos relacionamos com o mundo e com a vida de uma forma geral. Constantemente, a intensidade do desejo provoca dor, na medida em que o indivíduo nunca está satisfeito. Uma vez saciado o desejo, desponta outro.

Freud nos diz que no cotidiano da vida todo indivíduo convive com duas pulsões que representam um estado de vida (pulsão de vida), e um estado de morte (pulsão de morte), ambas são consideradas teorias das pulsões, na concepção freudiana. Essas teorias das pulsões são as relações estabelecidas entre o inconsciente humano com as situações vividas.

Segundo Quinodoz (2007), Freud propõe uma hipótese tardia, avançando mais um passo em sua teoria da sexualidade, ao postular que o funcionamento psíquico do indivíduo é regido por uma pulsão ainda mais elementar que o *princípio do prazer*, estabelecendo um conflito que se fundamenta com o acréscimo de uma outra pulsão, a de morte.

A pulsão de morte decorre da necessidade biológica de todo organismo de retornar ao seu estado inicial, inorgânico; mas, a pulsão de morte ou pulsões de destruição opõe-se à pulsão de vida (Eros) do qual faz parte a libido (QUINODOZ, 2007, p.205).

A psicanálise ainda explica que o princípio do prazer está relacionado à fase infantil, visto que é o momento em que o indivíduo começa a sentir, nos primeiros contatos com sua mãe, as sensações de prazer.

Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno. Só mais tarde vem a perde-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação. Em geral, a pulsão sexual torna-se auto-erótica, e só depois de superado o período de latência é que se restabelece a relação originária. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro (FREUD, 2006, a. p.210).

O contato entre mãe e filho se associa, portanto, ao prazer físico. É essencial para a psicanálise a ideia de que o prazer é a representação maior da pulsão de vida. A pulsão de vida e a pulsão de morte são forças que agem em nosso cotidiano diário, logo as duas caminham lado a lado. A primeira busca o inovador, o diferente, o desejo de viver; já a segunda representa tudo que leva o indivíduo ao estático, ao inalterado, ao cômodo. Essas pulsões vivem em conflito dentro do nosso inconsciente. Tal conflito é o que nos impulsiona a viver. É natural que todo ser humano tenha o desejo de viver, de buscar a satisfação do prazer, de querer sempre mais. No entanto, temos também a vontade de não mais desejar. A busca pelo alívio de se ver livre da tirania do desejo, nunca inteiramente satisfeito, deixando-nos mais tranquilos.

Thanatos representa a pulsão de morte, refere-se à morte simbólica e à morte social do indivíduo. Freud constrói a hipótese da pulsão da morte a partir dos casos de sadismo. O princípio de morte anuncia a tendência fundamental de todo ser vivo de retornar ao estado inorgânico, ou seja, corresponde à busca pela redução completa das tensões causadas pelo desejo. Freud elaborou o conceito de pulsão de morte ao observar os fenômenos de repetição, que o levou a ideia do caráter regressivo da pulsão. Em tais fenômenos de repetição, o aparelho psíquico descarregava as tensões libidinais relacionadas a situações desagradáveis. A pulsão de morte representa um retorno a um estado anterior, ou, em última análise, um retorno ao repouso absoluto do inorgânico. Assim, de acordo com Freud, o princípio de prazer parece estar a serviço da pulsão de morte: “Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive morrer por razões *internas*, torna-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que ‘o objetivo de toda a vida é morrer’ [grifos do autor]” (FREUD,

2006, v. XVIII, p. 49). Com base em pesquisas biológicas de sua época, sobretudo sobre a evolução da vida na terra, Freud afirma que as células dos organismos vivos, na sua origem remota, são conservadoras, ou seja, tendem à restauração de um estado anterior. O desenvolvimento de tais organismos é atribuído a interferências brutais externas, do ambiente onde vivem.

A entidade viva elementar, desde seu início, não teria desejo de mudar; se as condições permanecessem as mesmas, não faria mais do que constantemente repetir o mesmo curso de vida (...). Toda modificação, assim imposta ao curso da vida do organismo, é aceita pelos instintos orgânicos conservadores e armazenada para ulterior repetição. Esses instintos, portanto, estão fadados a dar uma aparência enganadora de serem forças tendentes à mudança e ao progresso, ao que que, de fato, estão apenas buscando alcançar um antigo objetivo por caminhos tanto velhos quanto novos (...). Estaria em contradição à natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado de coisas que jamais houvesse sido atingido. Pelo contrário, ele deve ser um estado de coisas *antigo*, um estado inicial de que a entidade viva, numa ou noutra ocasião, se afastou e ao qual se esforça por retornar através dos tortuosos caminhos ao longo dos quais seu desenvolvimento conduz (Freud, 2006, v. XVIII, pp. 48-49).

Voltada para o interior, a pulsão de morte se expressa na autodestruição, e para o exterior se manifesta como pulsão de destruição. Já a pulsão de vida corresponde ao desejo de viver, ao prazer pela busca da felicidade, visto que estamos sempre buscando mais, nunca estamos satisfeitos com o que temos. A pulsão de vida é, portanto, aquilo que movimenta o cotidiano do indivíduo, que faz ele estar em constantes modificações em seu plano de realização pessoal. É a representação do desejo de estar buscando sempre novos objetivos, novas conquistas. É o inovador. Toda a dualidade entre *pulsão ou instinto de vida e pulsão de morte* estão presentes no nível do inconsciente.

Comida como prazer sexual.

A formação da sexualidade infantil decorre de situações nas quais o bebê está submetido ao zelo da mãe, sendo totalmente dependente dela. Freud relacionou os cuidados com o bebê e o período de lactância com a *fase oral* da formação da sexualidade. Ela se desenvolve a partir do momento em que a mãe amamenta seu filho, sendo este um momento único tanto para a mãe quanto para o filho. É através desta simbiose da criança com sua mãe que se forma a sexualidade. A principal característica

das pulsões sexuais infantis é de caráter essencialmente masturbatório. Dentre as manifestações da sexualidade infantil, os atos masturbatórios relacionados à zona anal (prazer da retenção ou da expulsão das fezes) também são considerados, como também as atividades da uretra ligadas ao prazer da micção. O papel da mãe ou do cuidador(a), em todas essas ocasiões, é extremamente importante. Assim como é a mãe que amamenta seu filho, é ela que cuida da higiene do bebê. No momento da higienização a mãe também estimula na criança o prazer. A forma carinhosa pela qual a mãe trata a criança, faz com que surja nela a sensação de prazer. Assim, a da sexualidade infantil funda-se tanto através dos estímulos orais quanto dos estímulos anais.

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais se essa pessoa (usualmente a mãe) contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo (FREUD, 2006, vol. VII, pp. 210-211).

Freud estabeleceu o momento da descoberta da sexualidade infantil na relação erótica entre a criança e a mãe, em que a primeira não conhece os limites de seu corpo, julgando que ambos constituem um todo indiferenciado, tal como ocorria no estado fetal. Assim, o bebê e sua mãe se tornam um só, associado ao fato de que o contato com o seio induz à saciação de dois desejos: a alimentação e o prazer sexual. Portanto, desde a mais tenra idade, a boca está associada a um órgão sexual e a sexualidade infantil da criança tem início justamente através deste órgão, uma vez que a necessidade de alimentar o filho faz com que a mãe transmita para o mesmo um estado de prazer no ato da amamentação. De acordo com Freud, uma das manifestações da sexualidade infantil ocorre com a atividade constante do *chuchar* (movimento de sucção com a boca, chupar).

O chuchar, que já aparece no lactente e pode continuar até a maturidade ou persistir por toda a vida, consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao alcance __ até mesmo o dedão do pé __ são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção (...) O sugar com leite alia-se a uma absorção completa da atenção e leva ao adormecimento, ou mesmo a uma reação motora numa espécie de orgasmo (FREUD, 2006, vol. VII, p. 169).

A teoria freudiana é inequívoca ao associar o prazer sexual com o ato de comer e, para além disso, aos atos fisiológicos relacionados à micção e à expulsão dos resíduos intestinais. O apetite é, antes de tudo, um instinto. Precisa-se comer para sobreviver, assim como precisa-se respirar, beber e dormir. É um instinto tão poderoso, que pessoas esfomeadas não conseguem pensar em outra coisa senão em comida. O apetite pela comida, no entanto, não se restringe às pulsões de auto conservação. Junto aos apetites sexuais, são ambos instintos libidinais. Os homens, no entanto, ao longo da história, transformaram o ato de comer em algo muito mais significativo que a mera satisfação de um instinto, transformando-o ato em uma rica experiência sensorial. A cultura tem um papel significativo no processo de sofisticação sensorial da comida.

Lemoine-Luccioni (1990) revela como, para além da alimentação, o ato de comer é pleno em significados e remete diretamente às relações constitutivas do sujeito. Ele destaca ainda que é pulsão que extravasa por sobre outras pulsões, exemplificando com a situação de casal que, quando não pode fazer amor, se põe a comer. O consumo repetitivo e compulsivo do alimento demonstra a tentativa de saciar, nem que seja de forma momentânea, a fantasia do perfeito e de aliviar a carga da vida, buscando-se um lugar idealizado que é um ponto de fixação oral, o qual remete a fase oral do bebê com sua mãe. Como esclareceu Freud, a oralidade é estudada a partir da sensoriedade, tudo começa pela boca.

Come-se o peru de natal.

Em *O Peru de Natal*, o protagonista Juca, com 19 anos, inicia a narrativa observando que aquele seria o primeiro natal sem a presença do pai, falecido há seis meses. Insatisfeito com a rigidez com que sua família vivia e, principalmente, com a presença ainda forte do pai em casa, manifesta-se favorável a uma grande comemoração natalina, com um banquete regado a peru, contrariando os sentimentos de luto e pesar da mãe, da irmã e da tia. Desde pequeno tem a fama de louco (ANDRADE, 1993, p. 96). Por isso, tudo lhe é permitido e, segundo ele próprio, é por este motivo que, em sua vida, não há complexos psicológicos de nenhuma natureza.

A ascendência paterna, mesmo depois de falecido, fazia com que os demais membros respeitassem seu direito e poder de ordem. A vida seguia como se ele ainda estivesse presente, impondo seus preceitos de conduta. Rebelde, Juca não aceitava essa

situação. Condiçōnados a uma vida austera, a família nō conseguia abrandar a tensō daquele estilo de vida, a ordem e a moralidade suspendiam qualquer possibilidade de manifestaçō de prazer.

A família vivia de aparências. As expectativas em celebrar a festa de Natal era algo que, de certa forma, rompia com o cotidiano doméstico. O pai, como era de costume, fazia todo ano um jantar natalino com toda a parentada. O prato principal a ser servido era sempre o peru. Porém, para os de casa, a festa revelava-se frustrante, uma vez que trabalhavam muito na preparaçō do jantar, mas nō podiam comer o peru no momento da ceia, junto com os convidados. Comiam depois, o que sobrava.

Do peru, sō no enterro dos ossos, no dia seguinte, é que mamãe com titia ainda provavam num naco de perna, vago, escuro, perdido no arroz alvo. E isso mesmo era mamãe quem servia, catava tudo pro velho e pros filhos. Na verdade ninguém sabia de fato o que era peru na nossa casa, peru resto de festa (ANDRADE,1993, p.97)

Toda estā situaçō era algo que incomodava Juca. Apōs a morte do pai, mesmo estando no período de luto, ele convence a mãe a celebrar o primeiro natal da família sem a presença do patriarca. Logo resolve fazer um jantar sō para ele e sua família no qual o prato principal continuava sendo o peru. Apōs servir o jantar, Juca percebe que sua família se emociona e que, apesar de todas privaçōes sofridas enquanto seu pai estava vivo, naquele momento a ausênça do patriarca ainda se fazia presente, visto que servir a ave no festa de natal era algo que agradava o pai. Na verdade, o jantar imaginado por Juca, sō para os seus, representava um momento de suspensō do luto e de desforra por anos de privaçō.

Mas papai, que queria tanto bem a gente, que morreu de tanto trabalhar pra nós, papai lá no céu há de estar contente... (hesitei, mas resolvi nō mencionar mais o peru) contente de ver todos reunidos em família (ANDRADE,1993, p.101).

O primeiro natal sem o pai encerra anos de austeridade, dando um fim às frias reuniōes de família. Assim, o sentimento natalino é restituído, ou seja, a celebraçō do nascimento ou despertar do amor ou do desejo, que cada um sente em seu coração, de agir com “naturalidade”, de mostrar-se feliz. Graças à intervençō de Juca, o peru torna-se símbolo dessa felicidade sem culpa, todos pela primeira vez se deliciam e desejam o

peru que, de certa forma, representa o pai morto. Come-se o pai, digere-se o morto, expurgam-se as culpas. Após um momento de duelo entre a figura do peru (felicidade, liberdade) e a figura do pai (monotonia, frieza), o suave sabor do peru acaba por vencer a batalha angustiante.

A partir deste momento, percebe-se que a alegria e a afetividade entre os membros ressurgem. O peru é responsável pela retirada do pai da posição de patriarca, que ele ainda ocupava, mesmo morto. Juca, por ser o único homem da casa, torna-se agora responsável pelas mulheres da casa: a mãe, a irmã e a tia.

Comem-se delicadas iguarias.

Em *A Festa de Babette* as irmãs Martine e Philippa pertencem são filha do Deão da aldeia. Extremamente religiosas, seguem os preceitos e os ensinamentos do pai, já falecido. Vivem uma vida regrada pelos costumes e tradições familiares, ditadas pelo velho deão.

Todos conheciam as filhas do deão desde que elas eram crianças; para eles, ainda eram duas irmãzinhas, preciosas por causa do seu querido pai. Na casa amarela elas sentiam que o espírito do Mestre estava com elas; ali, sentiam-se à vontade e em paz (DINESEN, 1986,p.62).

As irmãs eram conhecidas no vilarejo como pessoas caridosas, filhas do fundador da aldeia e principal líder religioso. Viviam uma vida restrita, seguindo os costumes ditados pelo seu pai, mesmo após seu falecimento. Até que um dia chega, na porta da casa das irmãs uma francesa de nome Babette, com uma carta de recomendação escrita por um dos admiradores das irmãs. Martine e Philippa logo dão abrigo a desconhecida, que passou a morar na pequena e austera casa. Babette era uma refugiada da guerra que perdeu toda sua família na França. As irmãs, que levavam uma vida simples, tal como os demais moradores do Vilarejo, desprezava os excessos. Desconheciam qualquer tipo de prazer inclusive o da comida. Um dia, a hóspede, por retribuição, decide preparar um jantar em comemoração aos 100 anos do deão.

Enquanto Babette prepara o banquete, mesmo com a desconfiança e relutância das irmãs, para ser servido no jantar, as anfitriãs convidam os amigos da aldeia e redondeza.

Em *A Festa de Babette*, a pulsão de vida ocorre na degustação do jantar, quando as irmãs, ao saborearem a comida, despertam as poucas lembranças de felicidade, como o momento em que conheceram seus pretendentes. Martine e Philippa procuravam viver dentro de uma vida regrada. As repetições de uma vida de rotina e moderação enseja a prevalência da pulsão de morte, pois nela o indivíduo não tem desilusões, nem grandes sofrimentos.

Mas o jantar acontece da forma que Babette planeja, um jantar digno dos grandes chefes da culinária francesa. O principal convidado era um general muito respeitado, fez as honras para o início da comemoração. Os pratos são servidos em ordem específicas, talheres, prataria, copos e taças são postos à mesa. Ninguém nunca havia visto nada igual até então, com exceção do o viajado general que havia comido nos melhores restaurantes franceses: “ Este é um banquete igual o qual experimentei no *Café Anglais* digno da culinária francesa, preparado por um dos grandes gênio da culinária” (DINESEN, 1986 p.19). Babette não revela seu maior segredo, ela própria era a chefe de cozinha do *Café Anglais*. Gastou todo o dinheiro, recebido na loteria, com o jantar, mostrando assim que abdicaria de uma vida luxuosa na França para permanecer ali no vilarejo.

Durante o jantar, todos, inclusive as irmãs, ficam surpresos com o banquete preparado pela francesa. A fartura e a diversidade das iguarias, com seus sabores exóticos e incomparáveis, deleitam e espantam os comensais. Os pratos preparados por Babette eram totalmente diferenciados da alimentação habitual do vilarejo. As irmãs e os presentes ficam encantados com tudo que estavam vivenciando naquele momento. O jantar não era apenas um “jantar”, torna-se algo místico, um momento de epifania. O sabor delicioso da comida faz aflorar, não só nelas, mas nos convidados, desejos e lembranças recalçadas. De repente, os comensais sentiram a necessidade de expor todos os sentimentos reprimidos ou escondidos durante muito tempo. Começaram a trazer à tona a memória dos amores frustrados. Dois aldeões, ambos casados, confessam o amor que sempre sentiram um pelo outro, beijam-se no canto da sala. Os primeiros e únicos pretendentes de Martine e Philippa recordam os momentos enlevo que tiveram quando se viram pela primeira vez. A pulsão de vida desperta os desejos. O prazer com a comida acorda o recalçado.

Análise comparativa dos contos

Nos contos *Peru de Natal* e *A Festa de Babette*, a ideia de comida associada a um prazer intenso encontra-se como tema estruturante de toda a narrativa. Em *Peru de Natal*, o prato principal da ceia da família era o peru, de acordo com os costumes tradicionais da família burguesa. Na noite de natal, a família recebia os convidados, que comiam as melhores partes do prato principal, enquanto que os de casa comiam os restos que sobravam da ave. No conto, *Peru de Natal*, percebemos que a autoridade do pai é vivenciada no dia a dia da família. Juca e as mulheres da casa seguiam todas as regras ditadas por ele e comer limitadamente era uma delas. A autoridade patriarcal estava a serviço da suspensão do prazer, em sintonia a uma ordem material da indústria e do consumo e, contraditoriamente, dos sacrifícios pessoais para manutenção dessa mesma ordem.

Nós sempre fomos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, numa exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro sangue dos desmancha-prazeres (ANDRADE, 1993, p. 75).

Na sociedade moderna, a repressão ao livre prazer se dá em defesa do trabalho. Segundo Herbert Marcuse, filósofo alemão da Escola Frankfurt, a suspensão do prazer como renúncia torna-se necessária, pois atende à finalidade da realidade social. Sem tal resignação, a sociedade política se tornaria inviável. Em *Eros e Civilização* (1996), a repressão sexual fundamenta-se em um conjunto de restrições e imposições que auxiliam na domesticação do homem para o convívio em sociedade. O filósofo alemão, radicado nos Estados Unidos, transpõe a teoria psicanalítica de Freud para o âmbito da sociologia, ao estabelecer que o recalque e a contenção do prazer, por exigências do princípio de realidade, passam a representar uma demanda de sobrevivência do indivíduo, não apenas para fins de conservação da integridade individual, mas para a sociedade como um todo.

Em todas essas modificações da teoria de Freud, a sexualidade conservou sempre o seu lugar predominante na estrutura instintiva. O papel predominante da sexualidade tem raízes na própria natureza do aparelho

mental, tal como Freud o concebeu: se os processos mentais primários são governados pelo princípio de prazer, então aquele instinto que, ao atuar sob esse princípio, sustenta a própria vida, deve ser o instinto de vida (MARCUSE,1996,p.27).

Muitas vezes o processo de viver em coletividade conduz o indivíduo a praticar ações que modificam seu convívio perante a sociedade, o que Foucault denominou como uma *sociedade disciplinar* (FOUCAULT, 1983, p.28). Marcuse classifica essa época da sociedade disciplinar de Foucault como o nascimento do *indivíduo reprimido* e da *sociedade repressiva*, baseando nas teorias freudianas. Para ele, o que determina a forma social e contemporânea do princípio de realidade é o consumo excessivo, círculo vicioso através do qual se consome para produzir e se produz para consumir. Diante dessa nova realidade, o indivíduo sente-se humilhado se não consegue atingir às demandas de consumo e produção impingidas. Assim, a identidade do indivíduo não depende mais da relação corpo-psique-consciência, mas passam a ser ditadas pelas exigências sociais. Marcuse caracteriza a sociedade reprimida como sendo uma sociedade que perdeu seus desejos, suas vontades, sua capacidade de indagar, e o indivíduo reprimido como coadjuvante desse modelo de sociedade. A cultura reprime tanto a existência social quanto os instintos individuais (MARCUSE,1996). A sociedade repressiva de Marcuse coincide com a sociedade adestrada de Foucault. Trata-se de uma sociedade que imobiliza o indivíduo, impossibilitando-o de cometer qualquer ato que não esteja previsto pelas leis das instituições. Quando Marcuse fala de indivíduo reprimido, se refere ao indivíduo docilizado pelos códigos sociais, formulado por Foucault, ocupado pelas instituições, que mantêm sufocada sua capacidade de indagar, canaliza todas as suas possibilidades de prazer para o trabalho, em prol da manutenção do poder.

Contudo, seis meses após a morte de seu pai, Juca resolve fazer um jantar apenas para eles. Depois da ceia, todos sentem um prazer inenarrável, sobretudo a mãe, que apesar de levar a cabo o trabalho desgastante do jantar, jamais pôde desfrutar do peru. O prazer pela degustação do peru de natal representou o exorcismo da figura opressora, onisciente e onipresente, do pai morto. O embate entre o Prazer/Eros (representado pelo peru) e o Desprazer/Thanatos (pai) representa a luta inconsciente entre os instintos de vida e de morte. Tomaram decididamente o partido do peru. Não se pode ignorar o simbolismo fálico da ave. Ao menos momentaneamente, Eros vence e Juca sai

fortalecido da batalha, pois agora ele passa a ocupar o posto de dirigente das suas estimadas mulheres.

Em *A Festa de Babette*, o tema principal da narrativa coincide com o conto de Mário de Andrade. As protagonistas, as irmãs Martine e Philippa, vivem em um espaço de distopia, transgredido pela iniciativa de Babette de elaborar um fausto jantar em homenagem ao centenário do velho deão da comunidade, o pai morto. As irmãs viviam em um pequeno vilarejo que era composto por famílias extremamente religiosas, com regras, deveres e devoções específicas. Assim que chega, Babette observa que todos na vila possuem um hábito “um tanto curioso”, referente ao ato de comer. Eles alimentam-se apenas do básico para sua sobrevivência, comendo um alimento sem cor, sem sabor e em pequena quantidade. A alimentação regrada e insípida fazia parte dos costumes do vilarejo. Aqui se estabelece a mesma imposição patriarcal de suspensão do prazer e enaltecimento do trabalho e dos sacrifícios em nome dele.

Há 65 anos duas senhoras idosas moravam numa das casas amarelas. Outras senhoras daquela época usavam anquinhas, e as duas irmãs as poderiam ter usado tão graciosamente quanto as demais, pois eram altas e esguias. Porém jamais tinham possuído qualquer artigo da moda; tinham se vestido sde cinza ou preto a vida toda. Chamavam-se Martine e Philippa, em homenagem a Martinho Lutero e seu amigo Philip Melanchton. O pai delas fora deão e profeta, fundador de um grupo ou seita eclesiástica piedosa, que era conhecida e respeitada em toda a Noruega. Seus membros renunciavam aos prazeres deste mundo, pois a Terra e tudo que continha não passavam para eles de uma espécie de ilusão, e a verdadeira realidade era a Nova Jerusalém pela qual ansiavam. Eles jamais praguejavam, comunicavam-se com um sim ou um não, e chamavam-se de Irmão e Irmã (DINESEN, 1986, p.09).

Quando o jantar foi servido, todos inclusive Martine e Philippa, ficaram espantados com a grande quantidade de alimentos e a diversidade dos pratos preparados por Babette. Neste momento, a criada estava fazendo uso dos seus reconhecidos dotes, no *Café Anglais de Paris*. Todos estavam encantados com o sabor da comida. Até o gosto da bebida parecia diferente. Comeram e beberam demasiadamente, deixando de lado os antigos hábitos alimentares. A partir do momento em que se come as delícias de Babette, libera-se o reprimido, deixando-se extravasar a euforia. Momento raro de epifania, só que, em vez do Deus da Nova Jerusalém, quem reinava com força agora era Eros.

Era frequente, durante uma boa refeição, o povo de Berlevaag se sentir um pouco pesado. Esta noite não era assim. Os *convives* ficavam mais leves no

peso e mais leves de coração quanto mais comiam e bebiam. Não precisavam mais lembrar-se de seu voto. (...) Um prato incrivelmente rebuscado e delicioso fora servido ali. Ele perguntara seu nome ao vizinho de mesa, coronel Galliffet, e o coronel lhe dissera, todo sorridente, que se chamava *Cailles em Sarcophage*. (...) Do que aconteceu no decorrer da noite, nada de definido pode ser aqui declarado. Nenhum dos convidados, posteriormente, pôde se lembrar com nitidez. Sabiam apenas que os cômodos estavam cheios de uma luz celestial, como se diversos halos pequenos se tivessem fundido numa radiância gloriosa. Anciões taciturnos receberam o dom da fala; ouvidos que há anos estavam quase surdos abriram-se para este dom. O tempo em si tinha se fundido na eternidade. Bem depois da meia-noite as janelas da casa brilhavam como ouro, e canções douradas fluíam para o ar invernial (DINESEN, 1986, pp. 31-34).

O reprimido está devidamente expresso na angústia e aflição das irmãs Martine e Philippa ao tomarem consciência da opulência do banquete oferecido por Babette, antes do jantar acontecer. Babette havia se ausentado, durante um tempo, para providenciar as compras do jantar. Uma mercadoria estranha ficou para ser entregue posteriormente pelo sobrinho da cozinheira.

O jovem abriu um sorriso para ela enquanto retirava do carrinho um objeto grande, indefinível. À luz do lampião parecia uma pedra preto-esverdeada, mas, quando colocada no chão da cozinha, de repente projetou uma cabeça de réptil e a moveu ligeiramente de um lado para o outro. Martine tinha visto fotos de cágados, e em criança tivera um cágado de estimação, mas esta coisa era de um tamanho monstruoso e terrível de se ver. Ela se retirou da cozinha sem uma só palavra.

Martine fica extremamente aflita e passa a sonhar com a tartaruga queimando em fogo ardente. O sonho remete ao ato de inquisição. Simbolicamente, as irmãs são queimadas nas fogueiras do inferno por desobediência a alguma lei divina, imposta pelo pai morto, que as proibia tirar qualquer prazer da vida material, inclusive da comida. “Passou uma noite quase insone; pensou no pai e achou que, justamente no aniversário dele, ela e a irmã estavam emprestando a casa para um sabá de feiticeiras” (DINESEN, 1986, p.24)

A comida, nos dois contos, tem a finalidade de reparação, com o intuito de resgatar a intimidade perdida. Assim como a onipresença do pai morto, simbolicamente representando a continuidade da pulsão de morte. Em ambos a repressão se impõe na forma resignada dos afazeres do dia a dia, repetição sublinhada por Freud como característica da pulsão de morte. Juca, o narrador e personagem principal do conto de

Mário de Andrade, travou uma luta ferrenha com o pai morto, resgatando o prazer e a alegria de viver. Em *A Festa de Babette* se resgata também o “prazer”, devolvendo o amor ao coração das irmãs, o Papin, ao recordar suas palavras, e o general Loren, convidado especial do jantar. Babette transforma, desta forma, seu banquete na possibilidade de aproximar os amantes, de anular as diferenças. Nos contos, as violências que permeiam as relações familiares e socioculturais são abrandadas, assim o prazer da comida cumpre sua função sublimadora.

Em geral, percebe-se mais semelhanças que diferenças entre os contos. Isto acontece porque, em parte, o tema principal, o banquete erigido à revelia do pai morto caminha lado a lado, sublinhando as pulsões de vida e de morte. A família, que outrora justificara e legitimara o comportamento do morto, consegue exorcizar o pai durante um momento de êxtase, abrindo caminho para o prazer e a felicidade.

Abstract:

This article proposes a comparative analysis of tales *O Peru de Natal*, Mario de Andrade, and *Babette's Feast*, Karen Blixen, from two psychoanalytic categories proposed by Freud (2006) in *Beyond the Pleasure Principle* and other work, the instincts of life and death. In Mario tale Andrade, the uncomfortable presence of the dead father makes Juca, the youngest son, instigates the mother to prepare a Christmas dinner in the turkey, main mourning can be tasted only by the house. In Babette's Feast, the old dean, father Mattine and Philippa, though dead for years, still has a great influence on the small Christian community that founded and, particularly, in the sisters daily. The cook, a refugee of war and welcomed by the sisters, prepares in thanks a rich banquet in celebration of the centenary of the doyen. The enjoyment of food provides, in both cases, the exorcism of the dead and rare moments of epiphany. For the analysis were also used as theoretical support, Marcuse (1986) and Foucault (1983), among others.

Keywords: stories; comparative analysis; psychoanalysis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. “**Peru de Natal**” In: *Contos Novos*. 15 ed. Estudo e edição revista por Maria Célia de Almeida Paulillo. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica, 1993.

DINESEN, Isak (Karen Blixen). **A Festa de Babette**. Tradução de Isabel Paquet de Araripe. Rio de Janeiro: Record, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 36 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

FREUD, Sigmund. “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905)”. *Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre Sexualidade e Outros Trabalhos (1901-1905)*. v. VII. Direção da edição brasileira de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. pp. 117-231.

_____. “Além do Princípio de Prazer”. *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos*. v. XVIII. Direção da edição brasileira de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. pp. 12-75.

LEMOINE-LUCCIONI, E. *¿Las Mujeres Tienen Alma?* Barcelona: Biblioteca de Psicoanálisis/Editorial Argonauta, 1990.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: Uma interpretação do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

QUINODOZ Jean Michel. *Ler Freud: Guia de leitura da obra de Sigmund Freud*. Porto Alegre: Artemed, 2007.

EROS AND THANATOS IN *O PERU DE NATAL* BY MÁRIO DE ANDRADE AND *BABETTE’S FEAST* BY KAREN BLIXEN